

SocEd 08

Jan 2012 | Newsletter trimestral

Secção de Sociologia da Educação
Associação Portuguesa de Sociologia

Editorial

Apostas e caminhos a trilhar na Sociologia da Educação em Portugal

Por Ana Diogo [Universidade dos Açores]
adiogo@uac.pt

Num novo ano que se abre, semeado por um unânime pessimismo, gostaríamos de destoar com algumas notas positivas, num breve balanço de 2011 e num apanhado de apostas e caminhos a trilhar na Sociologia da Educação, deixadas em números anteriores da newsletter.

Em 2011 há a destacar, especialmente, a organização do II Encontro de Sociologia da Educação que procurou reflectir sobre "Educação, territórios e (des)igualdades". O cruzamento de temáticas mais clássicas com novas problemáticas deu ensejo a uma larga participação dos sociólogos da educação, através da apresentação de trabalhos e reflexões que testemunharam a vitalidade, a pluralidade e a maturidade desta comunidade científica.

Uma outra nota positiva relativa a 2011 é o reforço da participação e dos contributos na newsletter, através da publicação de textos da iniciativa de diversos colegas, da recensão de trabalhos publicados, bem como de entrevistas. Iniciativas a prosseguir e ampliar em 2012.

Vale a pena regressar às entrevistas, publicadas ao longo do último ano, para evocar, a partir do nosso olhar, algumas das apostas e dos caminhos para a Sociologia da Educação que aí foram apontados (neste

exercício incluiremos também a entrevista desta edição).

Com filiações distintas e pertencentes a gerações diferentes, Licínio Lima, Sérgio Grácio, Bruno Dionísio e Telmo Caria, trouxeram-nos um precioso contributo para pensar a Sociologia da Educação hoje. Um dos caminhos vislumbrados passa pela renovação das problemáticas, através do diálogo com as Ciências Sociais. Esta abertura interdisciplinar, há muito almejada mas ainda bastante por fazer, especialmente com algumas áreas, como a Antropologia e a Psicologia, poderá ser uma aposta importante, na medida em que constitua uma forma de preencher lacunas no mapeamento teórico dos fenómenos educativos, deixadas a descoberto pelos paradigmas sociológicos.

Renovador poderá ser também o diálogo interno com a própria Sociologia, como nos dizia Bruno Dionísio: "convocar outras ferramentas sociológicas - de banda larga, nascidas em outras matrizes - pode ser altamente refrescante, salutar e fértil para o estudo dos fenómenos educativos". O reequacionamento da problemática das desigualdades, a partir de novas abordagens, parece ser uma outra aposta incontornável, numa altura em que essas surgem agravadas, a investigação vem mostrando o seu papel fundamental no funcionamento das sociedades e, em contrapartida, as agendas políticas parecem tê-las marginalizado.

Tendo a afirmação da Sociologia da Educação em Portugal estado muito ligada à formação de professores, parece igualmente pertinente repensar este espaço, num contexto em que, por um lado, se verifica uma perda de centralidade da disciplina neste tipo de formações e, por outro, a escola coloca novos desafios aos professores, assim como às instituições responsáveis pela sua formação.

Outro caminho a desbravar é a ligação da Sociologia da Educação com os profissionais no terreno, nas escolas e noutros territórios que lidam com a educação. Desde logo, com os próprios sociólogos da educação que actuam neste campo e sobre os quais se sabe muito pouco. Mas há todo um estreitamento de laços a desenvolver entre académicos e a multiplicidade de profissionais, cada vez com maior intervenção no campo educativo,

potencialmente enriquecedor para ambos os lados.

Sem esgotar todas as apostas lançadas, sublinhamos, por fim, a necessidade de afirmar a autonomia da sociologia da educação face às agendas, políticas e outras, assim como de fazer vingar a dimensão não escolar da sociologia da educação, na perspectiva de que esta disciplina não se esgota na escola.

Uma última nota positiva, a abrir o ano de 2012, é, sem dúvida, o dinamismo da comunidade de sociólogos da educação, materializado no elevado número de propostas de comunicação enviadas ao próximo Congresso Português de Sociologia.

Artigo(s) em Destaque

Compreender as escolhas

Melo, Maria Benedita (2011), «Escolhas escolares e profissionais: entre a família, a escola e os amigos, que papel desempenham os media?», *Sociologia da Educação – Revista Luso-Brasileira*, ano 2, nº 4, pp. 24-53.

Por Pedro Abrantes [CIES-ISCTE-IUL]
pedro.abrantes@iscte.pt

A ideia de que, nas sociedades contemporâneas, os meios de comunicação de massas têm um papel central nos modos e percursos de vida das populações e, em particular, das gerações jovens faz parte de um novo senso comum que, inspirado pelos próprios *media*, tem-se incorporado no discurso de muitos sociólogos, raramente sujeito a prova. Já por isso, o estudo aqui em destaque é bem-vindo. Maria Benedita Melo analisa a influência dos *media* nas escolhas escolares e profissionais dos jovens, primeiro através da discussão de diferentes teorias, depois através da análise de um inquérito extensivo e um conjunto de entrevistas realizadas sobre o tema.

A principal conclusão a que chega é que as redes interpessoais, com a mãe à cabeça, seguida de amigos, professores, orientadores escolares e outros familiares (por esta ordem)

continuam a constituir as principais «bússolas» das escolhas dos jovens, entre panóplias cada vez mais variadas de opções, enquanto a televisão, os jornais e a internet são meios secundários, filtrados e amenizados pelos actores mais próximos.

Como profissionais do estudo da sociedade, esta constatação deve fazer-nos refletir sobre quais são realmente os processos sociais emergentes, na dita sociedade tecnológica, da informação ou em rede, e quais têm afinal constituído mais uma aporia da ficção científica ou do afã mediático, imiscuindo-se num pensamento que se pretende metódico, objetivo e assente em factos. É certo que a maioria dos jovens dedica várias horas diárias aos *media*, mas como se estrutura e qual o efectivo peso socializador desta experiência? Não farão os jovens uma demarcação clara entre experiências de fruição (entretenimento) e outras de produção (formação) de vida?

O estudo em destaque aponta, ainda que sem aprofundar, outros aspectos que merecem a atenção dos sociólogos, como o papel primordial da mãe na socialização e nas escolhas dos jovens (em particular, face à posição secundária do pai).

A autora sugere que alguma «vergonha cultural» pode fazer com que os jovens minimizem o peso da televisão nas suas opções. Mas essa mesma «vergonha cultural», sendo algo novo quando falamos de classes sociais desfavorecidas, refletirá um avanço civilizacional ou, pelo contrário, um acantonamento da televisão a um entretenimento massificado, quando em décadas anteriores a sua ambição (e reputação social) era bem maior? Importará questionar se o impacto da televisão ou da internet não se exerce num plano mais inconsciente (o meta-texto), mas quiçá até mais eficaz, por não tão sujeito aos mecanismos de reflexividade. Ou se esse impacto não assumirá uma forma mais difusa, condicionando os discursos dos tais actores influentes (mãe, amigos, professores, etc.) e, logo, as escolhas dos jovens. Para isso, será necessário aprofundar o estudo através de outras metodologias, como a abordagem etnográfica e/ou biográfica. Aqui está um excelente filão de pesquisa sociológica.

Telmo Caria

(Dep.to Economia, Sociologia e Gestão,
Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro)

Por José Augusto Palhares [IE-Uminho]
jpalthares@ie.uminho.pt

Telmo Humberto Lapa Caria é licenciado em Sociologia pelo ISCTE, desde 1984, e doutorou-se em Sociologia da Educação pela Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro, em 1997, instituição onde exerce a sua atividade profissional como docente e investigador desde 1987.

Autor de inúmeras publicações no país e no estrangeiro, de entre os quais destacamos: *A cultura profissional dos professores. O uso do conhecimento em contexto de trabalho na conjuntura da reforma educativa dos anos 90* (F. C. Gulbenkian, 2000); *Experiência etnográfica em Ciências Sociais* (Org., Afrontamento, 2002); *Saber profissional* (Org., Almedina, 2005). Os seus interesses de investigação têm-se distribuído pelos domínios da Sociologia da Educação, dos Grupos Profissionais, das Ciências Sociais e das Metodologias Etnográficas em Ciências Sociais.

Apesar de na atualidade se considerar deslocado do campo da sociologia da educação, pensamos, contudo, que o seu trabalho continua a ser inultrapassável para a compreensão do trajeto desta área de conhecimento em Portugal nas últimas duas décadas. A sua inquietação sociológica tem-se revelado no fomento do debate crítico-epistemológico nas Ciências Sociais, uma postura que, aliás, transparece ao longo das suas respostas e que tem sido pouco explorada na construção do *saber* social e educacional.

José Palhares (JP): Sendo o Telmo Caria um dos sociólogos portugueses que desde os anos 1980 estuda os fenómenos educativos, que balanço faz dos últimos 30 anos da investigação em educação no campo das Ciências Sociais e mais particularmente da sociologia da educação?

Telmo Caria (TC): Não estou em condições de fazer um balanço, porque desde há 10 anos que deixei de acompanhar regularmente o que se faz e pensa em Sociologia da Educação em Portugal. Como é conhecido, investigo e ensino Ciências Sociais (Sociologia e Antropologia, com ligações às ciências do trabalho e às ciências cognitivas) aplicadas ao trabalho e saber profissional. Assim, apenas posso dar conta das minhas impressões, à distância, sempre marcadas pelo meu tradicional pessimismo e insatisfação e pela minha posição de sociólogo localizado na periferia do campo universitário e académico.

Acho que a Sociologia da Educação em Portugal acompanhou o caminho geral de normalização das Ciências Sociais: institucionalização de temas, problemas e fronteiras disciplinares e subdisciplinares, geração de um nível satisfatório de massa crítica e hierarquização dos campos e subcampos científicos. Persistiu-se, e bem, na abertura da Sociologia à História e à Ciência Política e fechou-se definitivamente as portas à Antropologia, à Psicologia e às Ciências Cognitivas. Em consequência a dimensão de análise macro domina e as dimensões meso e o micro são sempre vistas como manifestações empíricas do estrutural e das relações sociais mais gerais, incluindo o estrutural que é crítico da ordem social e política.

Com isto a Educação deixou de ser o parente pobre da Sociologia e as Ciências da Educação aceitaram definitivamente os "muros disciplinares". Portanto, ambas se globalizaram. A Escola e a escolaridade são o centro de toda a investigação e reflexão educativas de natureza sociológica. Mesmo quando se quer usar outras "lentes", e se procurou olhar para a realidade não escolar, cai-se sempre numa problemática de crítica do que existe de escolar e formal naquilo que não devia ser escolaridade. Falta teoria para pensar fora deste horizonte limitado e historicamente datado.

Defendo que a distinção analítica entre conteúdo e forma do conhecimento, entre o uso e a prescrição de saber e a abordagem do emergente por via da análise contextual e situacional podem ser alternativa, mas são abordagens completamente irrelevantes para a Sociologia e para as Ciências da Educação em

Portugal. Os estudos sobre literacia e sobre saberes sociais e o uso de metodologias etnográficas, realizados no passado, poderiam ter permitido abrir um outro horizonte de problemas teóricos. Mas, pelo que posso conhecer à distância, não me parece que isso tenha acontecido.

Continua a haver, como sempre houve, uma agenda científica que é demasiado “colada” à agenda política, tornando-se muito discutível a autonomia relativa da Sociologia e das Ciências da Educação face ao campo político, tanto para legitimar como para criticar políticas. Uns subordinam a ciência social à política de forma explícita e legítima (sempre houve quem o fizesse e o defendesse na história das Ciências Sociais). Outros fazem-no de forma implícita, ocultando-o com uma retórica de imparcialidade científica para ganharem legitimidade acrescida nas lutas simbólicas. Desde modo, o debate científico e intelectual sobre problemáticas e metodologias científicas não tem um lugar próprio e autónomo, porque o político, cada vez mais mediatizado, absorve tudo (absorve o pouco que existe, aliás). A política científica dos observatórios apenas aprofundou esta tendência.

Esta minha perspetiva epistemológica não é entendida pela generalidade da Sociologia e das Ciências da Educação, porque ela é crítica tanto da politização da ciência social como da dita imparcialidade científica. É vista como uma contradição nos seus próprios termos, quando o que se pretende é uma reflexividade científica que questione o poder simbólico da ciência, tanto aquele que legitima a ordem política como aquele que critica o poder político legítimo. Há quem a rotule, conforme a posição em que se situa, de culturalista ou de psicologista. E duvida-se da sua legitimidade sociológica.

JP: Num célebre debate científico que o Telmo Caria estabeleceu com os sociólogos José Manuel Resende e Maria Manuel Vieira, em 1995, discutia-se então a especificidade e o espaço da sociologia da educação em relação às Ciências da Educação. Em sua opinião, em que sentido é que se caminhou? As cinco questões que deixou em aberto na conclusão do referido artigo encontraram resposta no período de tempo entretanto decorrido?

TC: Não acho que tenha sido célebre. Acho que o mérito maior, neste caso, foi do Resende e da Vieira porque tiveram a coragem de “partir a loiça”. Se o debate tivesse sido célebre teria tido continuidade e que eu saiba não teve.

Voltei, por minha iniciativa, nas páginas da revista *Educação Sociedade & Cultura* (quando ela era da Associação de Sociologia e Antropologia da Educação) a fazê-lo com o Jorge Lima, com o Rui Gomes e com um colega espanhol que agora já não me lembro do nome. Em todos procurei discutir sempre o lugar da Sociologia da Educação nas relações com a ação social, com a reflexividade científica e com o conhecimento e a cultura. Para mim foram mais formativos estes outros debates.

Quanto ao conteúdo da minha discussão com o Resende e a Vieira, já não me lembro muito bem. Mas num ponto o Resende teve razão. Eu tinha uma visão demasiado otimista sobre as possibilidades que o espaço das Ciências da Educação teria para potenciar a transdisciplinaridade em Ciências Sociais. Pelo que disse atrás, fica claro que estava errado. Também sobre o modo como via o sujeito da investigação – numa perspetiva compreensiva, sem cedências à imparcialidade analítica e à politização da prática científica, mas com uma intencionalidade de envolvimento cidadão – pelo que disse, atrás pode-se concluir que foram palavras sem consequências mais amplas.

Afinal, o que posso dizer sobre a pergunta que me faz é apenas o modo como racionalizo o meu afastamento da Sociologia da Educação. De facto, uma visão muito subjetivista para os leitores deste texto.

JP: Temos colocado aos anteriores entrevistados nesta rubrica a questão da dupla filiação à sociologia da educação: os que abordam os fenómenos educativos a partir de “dentro” da educação, aproveitando a sua posição privilegiada no campo (designadamente os professores e educadores, mais próximos da pedagogia e das ciências da educação), e os que se relacionam com estes fenómenos de um ponto de vista “exterior”, tomando, na maior parte das vezes, a educação como um mero objeto de estudo (cientistas sociais). Em seu entender há ou

não diferenças quanto à natureza do conhecimento produzido por ambos? O que é que os aproxima e o que é que os separa?

TC: Não me parece que a diferença faça sentido hoje. As Ciências de Educação têm um público académico a que têm que responder. E a Sociologia tem um público profissional a que também tem que responder. A diferença hoje é entre correntes teóricas e epistemológicas. Mas as várias correntes estão representadas em ambas as disciplinas.

Enquanto etnógrafo diria que a melhor análise é aquela que ajuda os atores sociais, em situação, a pensar o seu mundo etnocêntrico e os horizontes sociais que existem para o relativizar. Para isso é preciso que nós, etnógrafos, estejamos dentro e fora e que os atores sociais nos acompanhem nesse movimento pendular e contínuo de tornar estranho o familiar e tornar familiar o estranho.

JP: Parece assistir-se à recuperação de alguns objetos clássicos da sociologia da educação, como, por exemplo a problemática das desigualdades sociais. Perante este cenário, alguns autores têm vindo a construir uma linha de reflexão no âmbito de uma de sociologia política da educação. Qual a sua opinião?

TC: Tenho muito apreço por essas temáticas de investigação. Fui formado nelas e depois fui formado em diálogo com elas. Sem elas não teria conseguido trilhar um caminho diferente. É bom que reapareçam para formar os mais novos, com novos estudos empíricos sobre as desigualdades na aprendizagem escolar, no formato e no conteúdo.

JP: Face ao declínio dos projetos de formação de professores e educadores, à dificuldade cada vez maior de obtenção de financiamento em projetos de investigação em educação, que caminhos é que se poderão traçar para manter (e desenvolver) o interesse pelo conhecimento sociológico dos diversos fenómenos educativos? Que desafios se esboçam hoje ao sociólogo e à sociologia da educação?

TC: Não acho que o problema seja só da Educação, acho que é geral a todas as Ciências Sociais. E acho que quanto mais a ciência se colar à agenda política mais fica dependente das "cores dos governos", quaisquer que eles sejam. As Ciências Sociais

provam a sua utilidade social quando intervêm com um ponto de vista próprio: formulando os problemas sociais noutros termos que não os usuais (mesmo o usual das abordagens críticas) e de acordo com os métodos que assume como seus, para construir o real. Não tem mais verdade que outros conhecimentos de outra origem. Mas tem uma verdade própria e específica (não confundir com unanimismo científico), se conseguir assegurar a sua autonomia relativa face aos outros campos simbólicos.

Dou um exemplo: desde o início dos anos 90 que o debate público sobre a educação escolar tem sido atravessado por duas correntes político-ideológicas que se convencionaram chamar "eduquês" e "anti-eduquês". No primeiro momento, quando o debate surgiu ele trazia algo de relevante e relativamente novo. Com o tempo os termos do debate eternizaram-se e este foi reduzido apenas à luta política.

A comunidade científica ligada à educação não se colocou na posição de renovar o debate: tem aceitado que ele continue a fazer-se em termos políticos e portanto aceitou que o problema central da educação escolar na atualidade é uma suposta oposição entre diretividade/memorização/disciplinamento/pas sividade versus não diretividade/significação/expressividade/atividade. Não se trata de saber o que é que cada investigador ou perito da educação tem a dizer substantivamente sobre o assunto. Trata-se de saber se deixamos que o assunto continue a ser discutido desta forma tão pobre e simplificador.

O mesmo raciocínio, do meu ponto de vista, pode-se aplicar ao debate sobre os *rankings* de escolarização e de produtividade científica.

Sobre as simplificações que se operam no debate público sobre a educação dei o meu contributo há alguns anos atrás, numa série de 7 ou 8 artigos (já não me lembro bem) no jornal *A Página de Educação*.

JP: São recorrentes as críticas ao conhecimento produzido nas ciências (sociais) da educação pelo facto de se optar predominantemente pelas metodologias qualitativas, o que aliás tem vindo a ser enfatizado pelos painéis de avaliação externa dos centros de investigação. Serão estas

críticas legítimas no quadro da investigação portuguesa? Face a estas recomendações e aos imperativos de financiamento, poderemos vir a assistir a uma inflexão no paradigma de investigação?

TC: São ilegítimas quando os painéis e os centros fazem disso uma polémica ideológica e pretendem limitar ou inibir o pluralismo metodológico. Como etnógrafo sou insuspeito quanto ao assunto. Não analiso regularidades sociais, mas não tenho nada contra quem procura explicar regularidades sociais, mesmo que elas assumam a forma estatística. Mas para que se evite a polémica ideológica estéril é preciso que haja reflexividade científica e pensamento metodológico e não apenas normativismo metodológico, quer seja qualitativista ou quantitativista.

É por exemplo preciso que aqueles que usam metodologias qualitativas assumam de modo fundamentado e reflexivo (e não normativo) que não são neutrais na observação, que não são imparciais na análise e que isso não é equivalente ao "vale tudo", nem é incompatível com a construção de objetos teórico-empíricos de investigação.

Quanto ao futuro, não faço ideia. Mas penso que o futuro das Ciências Sociais depende coletivamente de nós e de como fazemos ciência todos os dias. Quanto mais normalizado, mais socialmente irrelevante ou mais instrumentalizado.

JP: Temos notado que o Telmo Caria tem vindo a afirmar a sua identidade científico-profissional como "Etno-sociólogo da educação". A par, temos também observado o seu investimento em outros objetos de conhecimento afins e/ou na fronteira com a educação, para além dos seus interesses iniciais sobre os contextos de formação e de prática dos professores. O prefixo "etno" terá mais algum significado para além de razões metodológicas e epistemológicas que suportaram as suas investigações mais recentes? Também se revê na necessidade de ampliar a sociologia da educação para além do estudo da escola e do sistema educativo?

TC: Penso que na primeira pergunta respondi a esta última pergunta. Acrescentarei que, mesmo no âmbito restrito da educação-Escola e no plano conceptual e analítico, para mim os desafios passam por:

- não se olhar para a autonomia do trabalho dos educadores profissionais apenas com as "lentes" do modelo histórico do trabalho de ofício (do *métier*);

- não se confundir cultura organizacional com cultura profissional;

- não se reduzir o conceito de cultura apenas às representações da identidade social ou às formas identitárias comunitárias;

- não se confundir o sentido prático da prática social (estruturado e atualizado no *habitus*) com o saber prático e experiencial (organizado e ajustado na interação social);

- não se reduzir a (des)articulação do saber abstrato e formal com o saber prático e experiencial (e vice-versa) apenas a um problema político ou a uma forma de ideologia pedagógica (ou ambos).

Quanto ao prefixo "etno", ele remete para as questões teóricas e metodológicas que me permitem atuar na fronteira entre disciplinas científicas (como disse atrás, entre a Sociologia, Antropologia e Psicologia) e potenciar as dimensões micro de análise sobre o emergente.

Exatamente o inverso para que aponta a normalização científica que descrevi. Mas não pretendo criticar esta normalização. Ela é uma consequência histórica e cultural da institucionalização científica e busca a acumulação e reprodução histórica do conhecimento, ao sabor das lutas simbólicas de cada conjuntura. Tem sempre mérito, porque sem ela não pode haver autonomia relativa dos campos científicos.

Tem também sempre efeitos perversos: congela o pensamento crítico e as problemáticas teóricas num dado formato ou *doxa*. Há que atuar para limitar esses efeitos perversos.

Muito obrigado pela colaboração!

Notícias

Colóquio

Sociologia: Que ensino e prática profissionais?

No dia 18 de Novembro, a Universidade do Minho e a Secção de Sociologia da Educação da APS organizaram, em Braga, um colóquio em que se discutiu a formação em Sociologia, no novo cenário de crise económico e de políticas no ensino superior. O encontro contou com a presença de sociólogos portugueses de diversas instituições, assim como de Danilo Tourini, da Universidade de São Paulo.

Colóquio

A crise da(s) socialização(ões)

19&20 | 04 Em associação com a Associação Internacional de Sociólogos de Língua Francesa, a **Universidade do Minho** organiza este colóquio bilingue, com tradução simultânea, incluindo conferências a convite, comunicações seleccionadas e discussão de posters e papers distribuídos. A ideia é discutir o conceito de socialização e a sua aplicação na teoria sociológica contemporânea.

As propostas de comunicação (poster, « distributed paper » ou aplicação informática), devem ser apresentadas num texto de 1500 caracteres, enviado o mais tardar até **15 de fevereiro de 2012** para o endereço cics@ics.uminho.pt, com o título "proposta colóquio socializações". O texto deve mencionar:

- nome, endereço eletrónico, endereço postal e contacto telefónico do autor (ou autores)
- estatuto profissional e a instituição do autor (ou autores);
- objeto da comunicação, os fundamentos em que se sustenta, ao trabalho empírico realizado. As comunicações devem apresentar as principais referências teóricas e metodológicas.

Mais informação em: www.cics.uminho.pt

European Conference on

Educational Research 2012

17-21 | 09 A European Educational Research Association e a Universidade de Cadiz convidam à participação e submissão de comunicações ao ECER 2012. As mesas temáticas serão organizadas de acordo com as redes da associação, incluindo um grupo de jovens investigadores e estudantes de doutoramento.

Trata-se de um grande encontro, no qual se esperam cerca de 2000 investigadores e que, este ano, se realiza em Cádiz, o que pela proximidade é um estímulo à participação de portugueses. As propostas devem ser apresentadas na plataforma online, até ao dia 1 de Fevereiro.

Consulte toda a informação sobre o encontro em: <http://www.eera.de/ecer2012/programme/conference-theme/>

Como colaborar com a *newsletter*?

Sem qualquer ambição de exaustividade, a newsletter é um espaço criado pelos e para os associados, pelo que é fundamental a sua colaboração, na divulgação de informações que lhe pareçam relevantes, sobre tendências, debates, pesquisas, eventos, novidades editoriais, etc. Envie-nos o seu contributo para educacao@aps.pt.

Ficha técnica

Esta newsletter é editada pela coordenação da Secção de Sociologia da Educação da Associação Portuguesa de Sociologia (www.aps.pt), com o objectivo de fomentar a comunicação, cooperação e participação entre os sociólogos da educação portugueses. A secção constituiu-se em 2009 e é composta, actualmente, por 151 associados.